

Os efeitos da campanha de nacionalização de Vargas na comunidade sírio-libanesa: monolinguismo e estratégias linguístico-identitárias na revista 'O Oriente'

Leonardo Pagano Landucci¹

Resumo: Para estudarmos a imigração sírio-libanesa para a cidade de São Paulo é preciso que entendamos os marcadores utilizados pela sua intelectualidade para a construção identitária como grupo social. Tal processo identitário, assim como de outros grupos diaspóricos, perpassou questões como o território, a língua, a história, a ancestralidade, as propriedades e o caráter. Analisados a partir da revista 'O Oriente' de Mussa Kuraïem de dezembro 1942, tais marcadores foram selecionados para permitir a discussão sobre as maneiras pelas quais a comunidade de imigrantes construiu sua identidade em paralelo ao seu imaginário em torno da figura de Getúlio Vargas. Levando em conta o contexto de entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e as políticas monolinguísticas de Vargas frente aos imigrantes, trazemos uma análise textual e de conteúdo sobre as maneiras pelas quais a revista de dezembro 'O Oriente' enfrentou tais questões. Considerando que, de 1941 até 1947, os artigos em árabe foram perdendo força na Revista, a hipótese que levantamos é a de que a sobrevivência da Revista às políticas de Vargas se deu por conta de suas estratégias linguísticas de construção e/ou separação da identidade brasileira. Partindo de tal proposta, o artigo questiona a potência da política, após o fim do Estado Novo, e reitera a luta estratégica e identitária do uso da linguagem presente nas folhas da revista 'O Oriente'.

Palavras-chave: Vargas; Imigração sírio-libanesa; Identidade.

THE EFFECTS OF VARGAS' NATIONALIZATION CAMPAIGN ON THE SYRIAN-LEBANESE COMMUNITY: MONOLINGUALISM AND LINGUISTIC-IDENTITY STRATEGIES IN THE MAGAZINE 'O ORIENTE'

Abstract: To study Syrian-Lebanese immigration to the city of São Paulo, it is essential to understand the markers used by its intellectuals in constructing their identity as a social group. Like other diasporic groups, this identity process encompassed issues such as territory, language, history, ancestry, property, and character. Analyzed through the December 1942 issue of 'O Oriente', a magazine by Mussa Kuraïem, these markers were selected to discuss how the immigrant community built its identity in parallel with its imagined perception of Getúlio Vargas. Taking into account Brazil's entry into World War II and Vargas's monolingual policies toward immigrants, we present a textual and content analysis of how the December issue of 'O Oriente' addressed these issues. Considering that from 1941 to 1947, Arabic-language articles gradually lost prominence in the magazine, we hypothesize that the magazine's survival amid Vargas's policies was due to its linguistic strategies in constructing and/or separating Brazilian identity. Based on this

¹ Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). A presente pesquisa foi realizada enquanto o autor era pesquisador assistente na Cátedra Edward Said de Estudos da Contemporaneidade. E-mail: leonardo.landucci@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7298-9300>.

perspective, the article questions the strength of such policies after the end of the Estado Novo and reiterates the strategic and identity-driven struggle over language reflected in the pages of 'O Oriente'.

Keywords: Vargas; Syrian-Lebanese immigration; Identity.

Introdução

A imigração sírio-libanesa ao Brasil, como aprofundada por Truzzi (2001), apresentou um caráter distinto de outros exemplos dentro do continente americano. O principal fator, como defendido pelo autor e com especial diferenciação em relação à experiência nos Estados Unidos, foi a facilidade com que tal população se moveu pelos estratos sociais brasileiros. Essa experiência, inclusive, marcou uma população imigrante desinteressada em uma imediata identificação com a identidade brasileira, visando a ascensão social (Truzzi, 2001, p. 135).

Há de se reforçar, no entanto, que tal presença sírio-libanesa no Brasil, intensificada no final do século XIX, não se fez despercebida, especialmente, frente às políticas de identidade nacional da então recém-proclamada República². Como Pinto (2016) pontua, a chegada desses imigrantes foi ao encontro de uma alteridade árabe já veiculada no território brasileiro, que se baseava na lógica das políticas entre o Brasil, a região e o resto do mundo, assim como nas relações com as massas migrantes. Essa alteridade perpassava uma imagem generalizada de um Oriente baseado na construção do "turco", recorrendo aos discursos orientalistas e críticos ao Império Turco-Otomano da época.

Com intuito de explorar tais questões, foi pensado como objeto de análise as revistas jornalísticas da comunidade sírio-libanesa de São Paulo, em específico a organizada por Mussa Kuraïem, 'O Oriente'³. As revistas literárias serviram de espaço para esses imigrantes desconstruírem

tais imagens estigmatizadas e percepções muitas vezes equivocadas sobre sua própria cultura (...), além, é claro, de continuarem produzindo intelectualmente, um prolongamento do Renascimento árabe que tinha como objetivo não somente discutir as questões políticas, sociais e culturais dos países de origem, mas também promover um novo projeto de civilização, a reconstrução da identidade árabe que, em última instância, contribui também para formação da própria identidade brasileira contemporânea. (Curi, 2020b, p. 215)

Em especial, a edição específica de dezembro de 1942 (Kuraïem, 1942) foi selecionada para análise por sua relação com o momento de entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o recrudescimento das estratégias linguístico-identitárias do governo Vargas. Em outras palavras, pela perseguição direta a veículos que não fossem publicados na língua principal da nação brasileira, o português, ou que fossem

² A República foi proclamada no Brasil em 15 de novembro de 1889, tendo sido idealizada por elites que propunham uma visão específica para a sociedade brasileira e sua formação como Estado-nação.

³ O material foi disponibilizado pelo Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Árabe no Brasil, uma parceria entre a Université du Saint Esprit de Kaslik, Jounieh, Líbano (USEK) e Câmara do Comércio Árabe Brasileira (CCAB).

administradas por imigrantes. Com o contexto da época de recente proibição da veiculação de publicações em línguas estrangeiras, a edição traz uma visão única entre negociação da identidade e construção da diferença que a torna um objeto de pesquisa de importância notável.

Para estabelecer tal discussão, o trabalho foi separado em quatro partes. Na primeira, discorremos sobre nosso aporte teórico, estabelecendo a relação entre marcadores identitários e a utilização da língua. Na seguinte, o debate será guiado pelas políticas de Vargas e como a bibliografia especializada a apresenta. Posteriormente, são discutidos aspectos gerais da publicação, assim como de seu editor, Mussa Kuraïem, reiterando os padrões de uso da língua pela revista, assim como suas respostas às políticas de Vargas. A partir disso, na última seção, nos aprofundamos no texto de Tacla (1942), produção que negocia a identidade da comunidade em relação ao presidente Vargas e a própria identidade nacional brasileira.

Representação do imigrante e negociação identitária

Acerca das representações⁴ da imigração sírio-libanesa no Brasil, De Castro (2020, p. 72) inicialmente nos aponta que, pelo passaporte ser proveniente do Império Otomano, a nomeação de “turcos” era usada burocraticamente para marcar a documentação de tais imigrantes. Posteriormente, em 1892, a classificação passou a ser dividida entre “sírios” e “turco-árabes”, apesar da visão social de “turcos” haver se mantido. Finalmente, em 1926, houve o registro de “libaneses” iniciado, se consolidando a partir de 1943 e 1946, respectivamente, as nacionalidades síria e libanesa.

A autora ainda reforça que, com a política de identidade nacional se intensificando, a partir da Constituição de 1934, a conotação negativa da alteridade começou a se tornar evidente em âmbito social e político. Essas políticas eram marcadas pela “introdução de quotas para o recebimento de novos imigrantes e [por] conceder o direito ao governo federal de negar a entrada de estrangeiros com base em sua origem étnica” (De Castro, 2020, p. 74).

Tal posicionamento é reafirmado por Pinto (2016, p. 51), cujo trabalho reforça como eram veiculadas ideias dos “árabes” como figuras gananciosas, dissimuladas e predatórias, com a manutenção da representação como “turcos” (Pinto, 2016, p. 51). Tais construções muito se baseavam no Orientalismo aos moldes europeus, conceito desenvolvido por Said (2007).

O Orientalismo, segundo o autor, baseia-se na formulação de um Oriente imaginário por parte do Ocidente. A própria divisão entre tais segmentos do mundo faria parte dessa proposta conceitual da geografia imaginativa de Said (2007). Em outras palavras, a partir do discurso, da literatura e da divulgação em massa de textos, autores e pensadores europeus iniciaram um processo de diferenciação entre o que seria o Ocidente e o Oriente. Tais métodos se mostraram explicitamente efetivos, como o autor aponta em seu livro. De modo que tais categorias sofreram com essencializações e foram vendidas por todo o globo como naturais.

Tal jogo linguístico-identitário-geográfico fez com que essencializações surgissem em torno da figura do “árabe”. Essa política discursiva se faz presente na obra

⁴ Por representações, entendemos a definição de Hall (2016, p. 31), sendo parte da produção e compartilhamento de símbolos dentro de uma comunidade.

de Said, quando ele reforça na passagem: “Note-se com que rapidez “o árabe” parece se acomodar às transformações e reduções - todas de um tipo simplesmente tendencioso - que lhe são impostas de modo contínuo” (Said, 2007, p. 381). De tal maneira, esse pensamento apresentava-se como hegemônico em um mundo influenciado por potências ocidentais e europeias.

Tendo em mente tais dimensões, Pinto (2016) coloca como, frente a tais construções, os imigrantes sírio-libaneses faziam uso desse Orientalismo, de maneira estratégica, para se diferenciar de outras comunidades e se aproximar da identidade nacional politicamente impulsionada no momento. De acordo com o autor,

a própria comunidade sírio-libanesa apropriou-se de temas e referências orientalistas, produzindo um “orientalismo nativo”, que era mobilizado para criar novas hierarquias através de representações sobre a terra de origem e seu passado Otomano, assim como para negociar as suas diferenças culturais na sociedade brasileira. Assim, os intelectuais da comunidade sírio-libanesa elaboraram a história da imigração de fala e cultura árabe, que era predominantemente composta por cristãos, como uma narrativa de atraso econômico e cultural, intolerância religiosa e perseguição contra os cristãos do Império Otomano. (Pinto, 2016, p. 53)

Para isso, fazemos uso do conceito de estratégias linguístico-identitárias, definidas aqui como os esforços e empreendimentos da comunidade sírio-libanesa pela e na linguagem para a produção da identidade e da diferença, dialogando com suas representações como alteridade.

Se levarmos em conta os argumentos de Woodward (2000, p. 12), entendemos a importância das estratégias linguístico-identitárias como método de ascensão no sistema classificatório advindo das práticas identitárias, frutos desse Orientalismo. A autora, inclusive, é pertinente ao ressaltar os aspectos relacionais da identidade, tendo em vista que a marcação dela surge a partir de símbolos de oposição à alteridade. Sendo, de acordo com Woodward (2000, p. 9), a identidade relacional e produzida pelos símbolos e pelas representações, podemos entender a complexidade dos esforços da comunidade sírio-libanesa.

Ademais, como Oliveira (2000) aponta no exemplo da Catalunha, essa simbologia da identidade está posicionada a partir de 6 marcadores, sendo eles o território, a história real ou construída, o sangue, a língua, a propriedade e o caráter. Esses marcadores nos ajudam a entender as maneiras pelas quais as estratégias linguístico-identitárias de tais imigrantes são acionadas, reagindo a cada um desses símbolos em sua construção da identidade.

Wodak, de Cillia e Reisigl (1999) vão ainda expandir tais argumentos e reforçar o peso da memória para a construção da identidade. De acordo com os autores, a memória e a identificação coletivas são fatores primordiais para a construção de uma identidade que seja nacional, aos moldes do Estado-nação europeu, ou ainda comunitária. Esse jogo entre memória da comunidade e da nação é importante para compreendermos as estratégias linguístico-identitárias da comunidade sírio-libanesa dentro da identidade nacional brasileira em formação.

Por essa razão, devemos entender o papel da memória para a identidade, assim como desenvolvido em Said (2000). Em seu artigo, o autor conceitua o uso de tal instrumento de recordação coletiva como um objeto de manipulação e exploração, sendo

mais do que apenas uma entidade de existência extracorpórea. Suas colocações nos levam a considerar que memória(s) era(m) construídas por esses imigrantes a partir de suas ações e discursos, sendo eles parte de uma alteridade pré-definida e estabelecida.

De modo geral, toda essa bibliografia aponta para a fluidez e o aspecto construtivo da identidade. Se em um primeiro encontro, os imigrantes sírio-libaneses eram vistos como turcos, a mudança para outras categorias sociais deve ser entendida como parte do esforço da própria comunidade em influenciar a política. Como mostraremos, eventos internacionais de peso, como a Segunda Guerra Mundial, e seus efeitos no Brasil apresentam um poder formulador de políticas identitárias e, por isso, devem ser entendidos para a compreensão da produção linguística-identitária da revista 'O Oriente'.

Vargas e a 'O Oriente': monolinguismo e imigração

A construção do Estado-nação, da comunidade imaginada nos moldes de Anderson (2006), fruto dos argumentos apresentados na seção anterior, é antes de tudo um projeto. Tal proposta reforça uma língua comum (Mazzelli, 2019, p. 38), uma cultura compartilhada e o acionamento de todos os marcadores de Oliveira (2000). Nesse sentido, surge a bibliografia pertinente sobre os movimentos políticos de Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945). Ademais, esse período nos é frutífero pela quantidade de estudos sobre imigração, tendo em vista as políticas restritivas de Vargas no período.

No período de chegada ao poder de Vargas, Weber (2020b) reforça como a mídia impressa, especialmente em São Paulo, local de veiculação da revista 'O Oriente', era tido como espaço de subversão e oposição a ideias nacionalistas. A força da imprensa imigrante era notória e contundente, especialmente a sírio-libanesa, que se expandia do Norte ao Sul do país com registros de 17 periódicos perdurando até os dias atuais (Curi, 2020a, p. 8). De maneira paralela, com uma visão repressiva aos estrangeiros, que se movia além da xenofobia, como aponta Orlandi (2005, p. 32), o projeto nacionalista de Vargas se recrudesceu legalmente contra tais formas de veiculação de conteúdo.

Entre suas ações, destacam-se a necessidade da responsabilidade da imprensa ser de um brasileiro nato (Weber, 2020b, p. 29), a publicação de textos em língua estrangeira em zonas rurais (Ronsani, 2014, p. 5), a participação de estrangeiros na imprensa (Weber, 2020b, p. 29) e, finalmente, a proibição de publicações de qualquer tipo em línguas estrangeiras (Weber, 2020b, p. 32). O ápice de tais medidas foi o reforço da mídia nacional como veículos a serviço do governo, em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Todas essas medidas são lidas pela literatura especializada como medidas de reforço da unidade nacional e cerceadoras dos direitos da população imigrante (Orlandi, 2005; Ronsani, 2014; Mazzelli, 2019; Weber, 2020a; Weber, 2020b).

Tais medidas reforçavam uma política monolinguista, em que uma língua seria o foco para a promoção da identidade nacional e, qualquer outra, significaria um risco à sua estabilidade. Em contrapartida, como defendido por Zeghidour (1982, p. 14-15), a articulação do árabe na região do Oriente Médio e, principalmente, a partir de uma reivindicação nacionalista da língua árabe passam acima de tudo por um crivo religioso. A língua não era pensada e produzida apenas em seu contexto social, mas empregada a partir de uma ideia de conexão com o divino, mesmo para aqueles que não eram muçulmanos.

Portanto, o que é demonstrado pela revista que discutiremos não é apenas a articulação entre identidade estrangeira/nacionalidade, mas a própria interação intracultural das línguas. Em outras palavras, é possível discutir a sobrevivência política em um governo ditatorial nacionalista como um processo de desconstrução e reconstrução do entendimento subjetivo da linguagem para além de suas funções sociais.

Os aparatos ditatoriais de Vargas e a promoção de tal fator levaram ao fim de publicações e veículos midiáticos propagados por imigrantes, assim como a perda de carreira, tendo em vista suas perdas de direitos como não-brasileiros natos. Tendo isso em mente, é possível compreendermos as respostas da revista 'O Oriente' ao momento político imposto por Getúlio Vargas.

'O Oriente' (الشرق ou Al-Shark), nosso objeto de análise, foi fundado, organizado e editado por Mussa Kuraïem dos anos de 1928 a 1974 como um periódico jornalístico. Apesar de pouco debatida em contextos que não da imigração, a revista foi uma das mais influentes no período, seja pela sua relevância nas estratégias políticas da comunidade sírio-libanesa quanto pelo seu peso literário, como explica Villar (2012). Desse modo, o presente trabalho reverbera a importância de tal material para disciplinas do conhecimento focadas na questão da literatura e da imigração.

Ainda sobre aspectos gerais de 'O Oriente', sua realização pode ser considerada bilíngue. Ainda que veiculada primordialmente na língua oficial do Brasil, a revista lançava textos e materiais em língua árabe. No entanto, o que torna o volume de dezembro de 1942 um objeto de estudo ainda mais necessário é a ausência de qualquer uso da língua árabe e a exaltação ferrenha ao governo de Vargas, o que nos leva a considerar a permanência de sua veiculação durante os anos de Vargas.

O que apontamos como hipótese, contrária à literatura apresentada anteriormente, é a flexibilidade com que a comunidade sírio-libanesa, representada por Kuraïem, enfrentou as políticas monolinguistas de Vargas. Até agosto de 1941 (O Oriente, 1941), a publicação em árabe era frequente e simétrica à em português, retornando nas primeiras edições de 1947. Se considerarmos que a campanha anti-estrangeiras apenas deixou de existir em 1986, vemos como jogo efetivo entre nacionalismo e línguas sustentou uma publicação como a revista 'O Oriente'. Portanto, ao analisarmos um de seus textos, podemos apreender uma profundidade maior de suas estratégias políticas e discursivas.

Cabe retomar brevemente que o número saiu no mesmo período em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados. Como aponta Mello (2018), o momento político pelo qual a nação brasileira atravessava durante a Segunda Guerra Mundial era marcado não apenas pelo reforço interno de uma identidade homogênea em relação ao estrangeiro, mas também por uma afirmação de independência em relação aos conflitos vigentes, buscando uma alternativa baseada nos interesses nacionais para a situação. Para tanto, foram necessárias diversas parcerias com o governo americano e o ataque de navios brasileiros pelo Eixo, para o Brasil, de fato, entrar na Segunda Guerra Mundial.

Além disso, tanto a Síria quanto o Líbano haviam sofrido com uma invasão por parte dos britânicos, a fim de evitar o domínio do Eixo na região, como discorre Bou-Nacklie (1994). O contexto nacional ainda era marcado pelo tensionamento das políticas varguistas de limitação de publicação em outras línguas, com o intuito de minar o nacionalismo alemão, japonês e italiano no Brasil.

Respondendo a esse contexto, por meio de suas publicações, estava a figura de Mussa Kuraïem, editor da Revista 'O Oriente'. Kuraïem, descendente de sírios, nasceu em São Paulo, o que o favoreceu em sua manutenção como organizador da revista, sendo de nacionalidade brasileira. Seu objetivo com o periódico, como Curi (2020b) aponta, era de construir uma identidade própria para a comunidade, conectando Brasil e Síria/Líbano, assim como trazer notícias dos países para aqueles imigrantes e descendentes que no Brasil residiam. Essa conexão entre o 'aqui' e o 'lá' tornam revistas, como a 'O Oriente', objetos necessários de análise política, proposta aqui estabelecida.

Nesse sentido, pensando esse contexto para a implementação das estratégias linguístico-identitárias da comunidade sírio-libanesa, podemos entender não apenas o texto aqui analisado, mas toda a dimensão e complexidade em que se encontram esses esforços por parte de Kuraïem e da comunidade. Portanto, com os aspectos gerais da revista e de seu diretor discutidos, cabe-nos adentrar na proposta analítica do presente artigo.

Negociando a língua

A negociação da identidade como projeto político e estratégico por parte da comunidade sírio-libanesa, como já pontuado, passa por um jogo de seis símbolos: o território, a história real ou construída, o sangue, a língua, a propriedade e o caráter. Esses marcadores, advindos de Oliveira (2000), são importantes para entendermos os textos publicados na revista 'O Oriente', assim como seu projeto para a comunidade sírio-libanesa e para o próprio Brasil.

O texto selecionado para a análise da presente seção, de Tacla (1942), traz reflexões sobre o momento político e histórico do Brasil e seus efeitos na comunidade. Em linhas gerais, deve-se levar em conta o peso da história construída, a partir da memória, como reforça Said (2000), para o entendimento da negociação da identidade apresentada pelo texto.

Figura 1 – Texto 'Dom Pedro Segundo e o Presidente Getúlio Vargas na reverência dos sírios libaneses' digitalizado (parte 1)

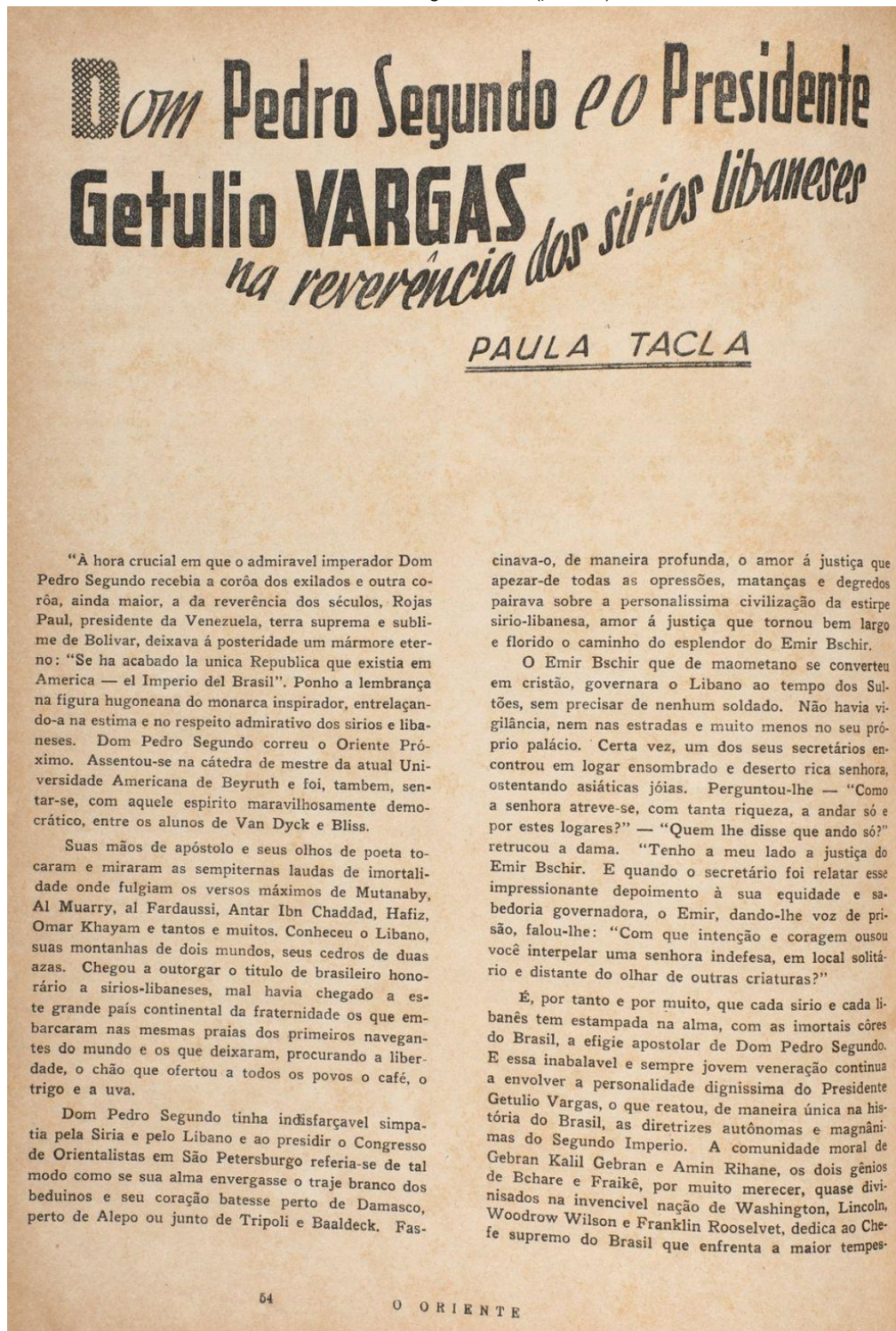
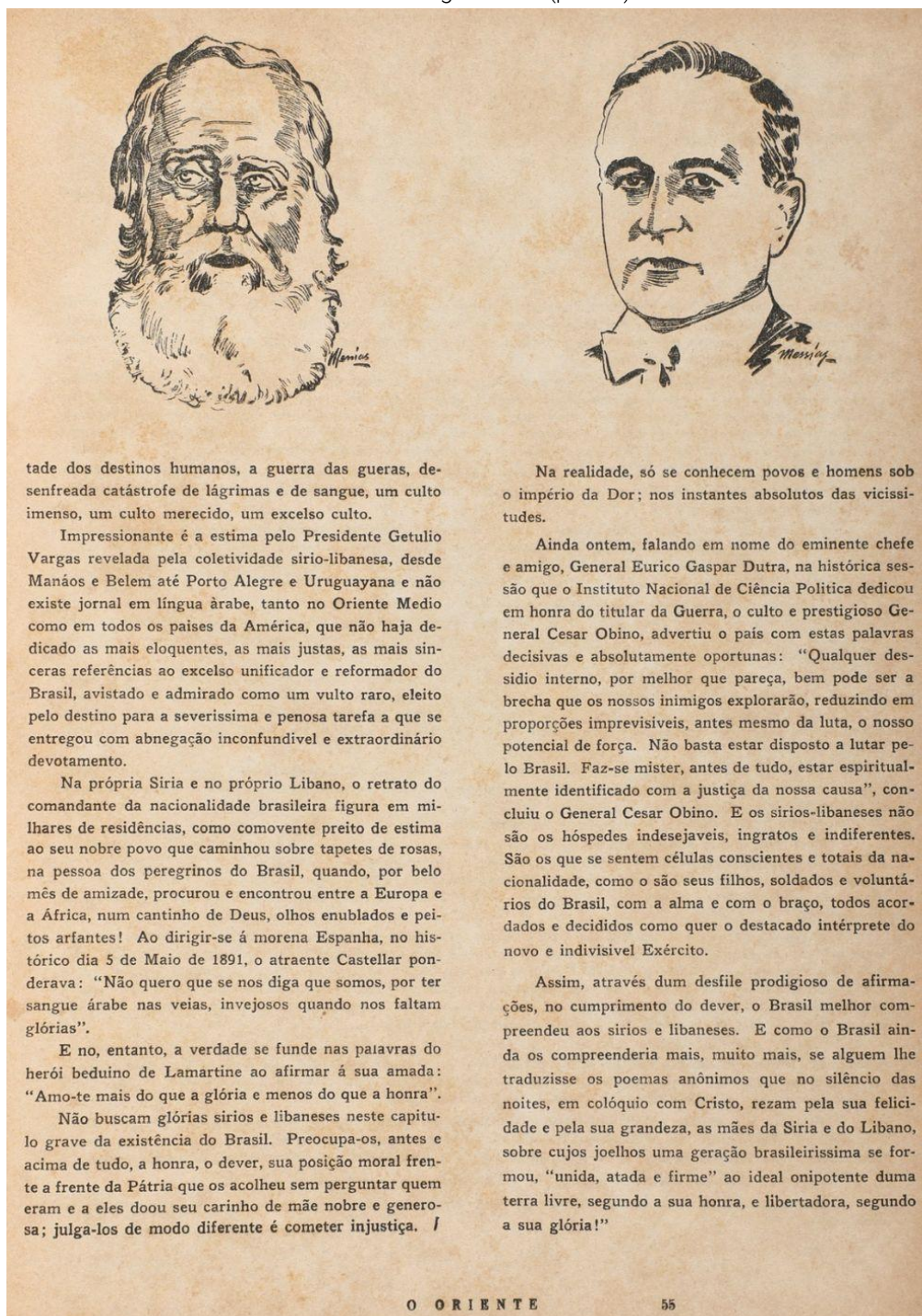


Figura 2 – Texto ‘Dom Pedro Segundo e o Presidente Getúlio Vargas na reverência dos sírios libaneses’ digitalizado (parte 2)



Para a análise do texto e das estratégias linguístico-identitárias, iniciaremos pelo território, cujo sentido aparece de duas formas: o Brasil como terra hóspede em transformação e a Síria e o Líbano como terras natais. Como Moser e Racy (2017, p. 306) pontuam, esse jogo entre terra-natal e Brasil é de extrema importância para esses autores que publicavam nas revistas, fossem eles imigrantes ou filhos da imigração. Tal noção é relevante para o entendimento da comunidade sírio-libanesa como não-pertencente, mesmo em nascimento no Brasil, à identidade brasileira.

Em outras palavras, analisa-se, de fato, uma separação, pelo menos em estratégia, das identidades locais e imigrantes. Em certa medida, tal movimento é reflexo do período, acompanhando conceitos como modernidade, colonialidade e intocabilidade das culturas, opostas ao período vivido pela globalização, como afirma Kumaravadivelu (2006). Por esse motivo, há marcações como “os sírios-libaneses não são os hóspedes indesejáveis”, em uma ideia de que aqui não fazem residência e, portanto, compõem um corpo externo à identidade, e à própria territorialidade brasileira. A construção territorial é de Brasil hospedeiro e Síria/Líbano lar.

No entanto, como o autor destaca a seguir, essa ideia parece sofrer uma mudança profunda. Os sírios, apesar de marcados por essa dualidade lar/terra hospedeira são apresentados pelo autor como “células conscientes e totais da nacionalidade” (Tacla, 1942). Essa apresentação demonstra uma estratégia de aliança discursiva com a impulsionada pela política de reforça da nação de Vargas. O que sugere, ainda, é que a revista serviu como veículo para as propostas varguistas e, portanto, foi marcada como uma revista brasileira “nata”. Isso justificaria o posterior retorno da língua árabe, sendo a revista aliada das intervenções brasileiras.

Outrossim, essa questão do lar/terra hospedeira, como Moser e Racy (2017) discutem, gerou cinco respostas na literatura sírio-libanesa no Brasil, das quais três cabem ao presente trabalho. A primeira, relacionada a uma ideia de não-lugar, recorre aos argumentos que Said (2004) desenvolve em seu livro de memórias. A ideia do não-pertencimento e de se estar fora do lugar - seja territorialmente ou culturalmente - foi temática comum nas produções sobre uma terra-natal da população imigrante.

A segunda é a abordagem construtiva, na qual tanto aspectos culturais dos países de origem ou descendência quanto questões locais são integrados para uma construção identitária em diálogo. Finalmente, a última relação com a ideia de ‘terra-natal’ estabelecida pela literatura da imigração sírio-libanesa é nomeada como elusiva, significando a perda do contato com os países de origem/ascendência e a cultura predominante na identidade impulsionada é a do local.

Apesar de nos apontar para essa divisão mais definida entre as culturas, a abordagem construtiva prevalece pelas simbologias de análise, em especial a de a história real ou construída, assim como dos valores de caráter. A menção de Dom Pedro II e de Vargas como figuras aos moldes de Emir Bachir e da coletividade sírio-libanesa em relação à mulher rica, nos mostram o peso das estratégias de memória e a incorporação de marcadores típicos da identidade nacional impulsionada no período. Em outras palavras, apesar da separação entre culturas demarcadas nas estratégias, há uma tentativa de criação de pontes e incorporação de narrativas, recorrendo a uma abordagem construtiva, relativa ao marcador de caráter da justiça.

Essa discussão entre separação e construção nos leva a pensar no terceiro marcador da identidade: a língua. Mignolo (2003), ao falar do bilinguajamento⁵, vai pontuar como escritores vão produzir espaços em que a divisão em linguagens distintas se esfaca, assim como as fronteiras, criando identidades linguísticas marcadas pela fluidez. A revista ‘O Oriente’, assim como o texto, analisados à luz de tal categoria,

⁵ O termo bilinguajamento foi desenvolvido por Mignolo (2003) para expressar uma crítica à ideia da separação de línguas na escrita, especialmente, frente a autores que conseguiam transitar livremente pelos diferentes usos de diferentes línguas. No caso da Revista aqui presente, apesar de outros números apresentarem o uso da língua árabe em seus volumes, isso é feito de maneira cindida, de modo que há uma barreira entre cada presença linguística.

mostram como, apesar de uma proposta construtiva, a única língua aparente - assim como em todo volume de 1942 - era o português, demarcando uma clara separação linguística.

Em suma, até o presente momento, o que se destaca é a dualidade entre proposta construtiva e separação entre culturas estrategicamente claras e definidas. Na questão do sangue, ou ainda da raiz étnica-cultural, a segunda prevalece. A ideia da honra e do dever nas veias, ao invés da noção comum de “inveja dos árabes”, mostra uma construção que busca dialogar diretamente com o Orientalismo, nas propostas de Pinto (2016), assim como mostrar uma etnicidade de “sangue cooperativo”.

Como pontuamos, a comunidade é posicionada como composta por células conscientes e pertencentes à nacionalidade, no entanto, o reforço dessa diferença de raiz e sangue, coloca em xeque essa narrativa puramente construtiva. O que se percebe, dessa forma, é que a negociação identitária passa por esse jogo de construção e separação a todo momento, articulando-se a partir de tais categorias.

A questão do caráter, relacionando-se com questões psicológicas a partir de Oliveira (2000), é apresentada da mesma forma, colocando a comunidade como leal, honrada e engajada com o Brasil nesse momento de guerra. Essa estratégia busca negociar diretamente com a perseguição sofrida por outros grupos imigrantes no Brasil. Nesse sentido, ao invés de outras coletividades que poderiam se opor por motivações nacionalistas, a sírio-libanesa saberia reconhecer as dificuldades enfrentadas pelo Brasil e estaria disposta a contribuir com ele, devido à sua histórica construção da justiça em seu caráter.

Ainda a respeito do caráter, a figura de Vargas aparecendo como justa e elogiada pela mídia em língua árabe, no Oriente Médio e na América Latina, não se apresenta à toa e destaca a comunidade imigrante de outras. Em especial, essa dualidade parece dialogar diretamente com a perseguição de jornais e veículos que disseminavam o discurso nacionalista alemão durante a Segunda Guerra Mundial, típicos da região sul do Brasil, como nos aponta Ronsani (2014).

Por último, a propriedade, vista aqui pela própria mão de obra militar, representada pelos filhos, soldados e voluntários, reforça essa tensão entre uma proposta puramente construtiva e a ideia de separação cultural. A ideia da comunidade e seus membros, como materiais humanos para a guerra, mostra uma negociação que não inclui de imediato a mesma no contingente brasileiro de imediato. A ideia que se constrói é a de que ela estaria doando sua propriedade em prol dos interesses brasileiros, marcando essa separação.

Sendo assim, a negociação da identidade, evidenciada no presente texto, mostra uma tentativa de criação de uma identidade construtiva que a todo o momento tensiona uma separação e uma externalidade da comunidade. De tal maneira, podemos entender as propostas de Moser e Racy (2017) não como finais, mas como estratégias linguístico-identitárias utilizadas de maneira livre, a depender do contexto.

Em suma, temos os seguintes marcadores aparecendo da forma que segue:

Quadro 1 – A identidade na revista ‘O Oriente’	
Marcadores	Aparecimento na revista
Território	Brasil como espaço fluído entre país hospedeiro e lar da população sírio-libanesa imigrante e Síria/Líbano como terra natal
História real ou construída	Ligações históricas entre líderes brasileiros e o “Oriente Próximo”
Sangue	Sangue distinto, mas unido em caráter
Caráter	Comunidade imigrante sírio-libanesa próxima do Brasil no apelo à justiça, assim como grata e em total ligação com a nacionalidade brasileira
Propriedade	Pode ser entendido pela troca entre o espaço físico do Brasil e os filhos para a guerra
Língua	Publicação monolíngue, espaço da nacionalidade exacerbado
Fonte: elaborado pela autora deste artigo.	

Toda a discussão estabelecida até aqui se torna evidente no trecho final de Tacla (1942), quando a construção desta identidade do coletivo diaspórico se torna “brasileiríssimo”:

o Brasil melhor compreendeu aos sirios e libaneses. E como o Brasil ainda os compreenderia mais, muito mais, se alguém lhe traduzisse os poemas anônimos que no silêncio das noites, em colóquio com Cristo, rezam pela sua felicidade e pela sua grandeza, as mães da Síria e do Líbano, sobre cujos joelhos uma geração brasileiríssima se formou, ‘unida, atada e firme’ ao ideal onipotente duma terra livre, segundo a sua honra, e libertadora, segundo a sua glória! (Tacla, 1942)

Este trecho reforça cada marcador estabelecido ao longo de todo o texto e, principalmente, conecta-se com fatores como a religiosidade cristã para mostrar identificação com seus leitores. A mudança advinda deste segmento é mostrar que não há mais uma divisão, como antes, entre brasileiros e sírios-libaneses, apenas uma geração brasileiríssima, protegida pelas orações das mães da Síria e do Líbano.

Em suma, para o texto de Tacla (1942) e reforçada ao longo da edição de dezembro de 1942, a narrativa de benevolência árabe da comunidade sírio-libanesa de entrar para a guerra com o Brasil é a principal marca, assim como a união de elementos simbólicos para pontes com uma identidade nacional brasileira essencializada. As figuras de Vargas e Dom Pedro II servem como balizadoras de tais estratégias, que reforçam o momento histórico e a necessidade de diferenciação em torno de outras coletividades.

Considerações finais

Ao longo do trabalho, buscou-se discutir como a produção da diferença e a negociação da identidade da comunidade sírio-libanesa, a partir de uma edição da Revista 'O Oriente', passaram por importantes desafios linguísticos e identitários. O primeiro deles foi a imagem de 'turcos', como raça gananciosa, dissimulada e predatória (Pinto, 2016, p. 51) dada aos sírio-libaneses pela administração brasileira. Esta imagem é desconstruída pelo texto com o constante reforço da posição do Brasil na guerra e o apoio dos imigrantes sírios-libaneses à mesma.

O segundo, e correlato ao anterior, relacionou-se com a necessidade de responder ao Orientalismo europeu, que construía e ainda constrói corpos árabes como bárbaros e incivilizados. Tacla (1942) responde a tais discursos com as figuras de homem nobres da cultura e história brasileira apostando em uma conexão que buscaria a desmistificação dessas ideias dentro do contexto do texto. Em outras palavras, a aproximação com a identidade brasileira por meio de Vargas e Dom Pedro contornam o Orientalismo europeu de maneira bem-sucedida.

Finalmente, o terceiro era o de reagir ao recrudescimento do governo de Vargas em relação às populações imigrantes, cuja resposta se faz presente tanto na ausência de textos em língua árabe na edição aqui analisada, como na menção da honrosa figura do presidente. Para Tacla (1942), a solução para sobrevivência do coletivo seria a integração positiva com a sociedade brasileira, por meio do reforço dos seus interesses e, principalmente, dos desejos do presidente Getúlio Vargas.

Nesse sentido, esses três desafios estão estampados nas estratégias linguístico-identitárias da edição de dezembro de 1942 da revista 'O Oriente' de Mussa Kuraïem. No texto analisado, as comparações entre Dom Pedro II e Vargas colocam ambos como figuras de aproximação com a comunidade árabe, em especial, a sírio-libanesa. Construindo o Brasil como um espaço de acolhimento e os imigrantes de tal coletividade como hóspedes gratos, a tentativa é de reforçar-se como uma comunidade ativa e respeitosa em relação aos interesses brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

No geral, o texto e as análises propostas aqui, gestadas no cerne dos debates identitários produzidos dentro das áreas de Humanidades, nos ajudam a entender a complexa relação entre linguagens, culturas e identidades. A questão da imigração sírio-libanesa no Brasil, dialogando diretamente com essas três categorias, adiciona novos desafios, inclusive na concepção paradigmática de colonização para os pesquisadores. Como entender duas identidades colonizadas se encontrando em um Estado-nação aos moldes europeus em consolidação (ver debate de Civantos, 2017)?

Conceber tais questões nos trazem provocações novas e reforçam a importância analítica de materiais como a revista 'O Oriente', ainda pouco explorados por especialistas. O presente estudo, portanto, buscou lançar luz em tais fontes de análise, reforçando certos aspectos e discutindo as estratégias linguístico-identitárias. A partir deste, portanto, espera-se outros olhares e percepções sobre o material, colocando novas questões sobre a imigração sírio-libanesa ao Brasil.

Referências bibliográficas

Anderson, B. (2006). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso Books.

- Bou-Nacklie, N. E. (1994). The 1941 invasion of Syria and Lebanon: The role of the local paramilitary. *Middle Eastern Studies*, 30(3), 512–529.
- Civantos, C. (2017). *The afterlife of Al-Andalus: Muslim Iberia in contemporary Arab and Hispanic narratives*. State University of New York Press.
- Curi, G. (2020). A diáspora como instrumento político: A imprensa árabe no Brasil na primeira metade do século XX. *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, 7(1), 1–15.
- Curi, G. O. (2020). O conceito da Turāt e a produção intelectual da imigração árabe no Brasil. *Revista Territórios e Fronteiras*, 13(2), 214–235.
- De Castro, I. C. S. (2020). Entre encontros e desencontros: Representação, debate público e participação política da comunidade libanesa de São Paulo e Foz do Iguaçu. *Revista Territórios e Fronteiras*, 13(2), 69–98.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação* (D. Miranda & W. Oliveira, Trans.). PUC-Rio; Apicuri.
- Huntington, S. P. (1997). *O choque de civilizações*. Objetiva.
- Kumaravadivelu, B. (2006). A linguística aplicada na era da globalização. Por uma linguística aplicada indisciplinar. In *A linguística aplicada na era da globalização* (pp. 129–148). Parábola.
- Kuraiem, M. (Org.). (1941, agosto 1). *O Oriente. Edição de Agosto*, 14(8). Khayrallah Center for Lebanese Diaspora Studies. https://arabicocr-app.s3.amazonaws.com/oori_19410801_14_8_1.pdf.
- Kuraiem, M. (Org.). (1942, dezembro). *O Oriente – Edição de Natal*. Órgão Representativo da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil.
- Kuraiem, M. (Org.). (1947, jan.-fev.). *O Oriente – Edição Jan-Fev*. Órgão Representativo da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil.
- Mazzelli, L. (2019). As políticas linguísticas monoglóssicas da Era Vargas: As proibições linguísticas em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo. In M. Savedra, T. Pereira, & M. Gaio (Orgs.), *Repertórios plurilíngues em situações de contato* (pp. 38–49). Edições LCV: LABPEC.
- Mello, J. R. de S. (2018). *Uma parceria para o caos: A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*.
- Mignolo, W. D. (2003). Bilinguajando o amor: Pensando entre línguas. In *Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*.
- Moser, R. H., & Racy, A. J. (2017). The homeland in the literature and music of Syrian-Lebanese immigrants and their descendants in Brazil. *Diaspora*, 19(2–3), 280–311.
- Oliveira, R. C. de. (2000). Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15, 7–21.
- Orlandi, E. P. (2005). O discurso sobre a língua no período Vargas (Estado Novo – 1937/1945). *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, 8(15), 27–33.
- Pinto, P. G. H., et al. (2016). El labirinto de espejos: Orientalismos, imigração e discursos sobre a nação no Brasil. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos (REIM)*, 21.
- Ronsani, L. V. (2014). “Não devo falar em alemão”: Os efeitos de sentido da interdição da língua alemã no Estado Novo (1937 a 1945).
- Said, E. W. (2000). Invention, memory, and place. *Critical Inquiry*, 26(2), 175–192.

- Said, E. W. (2004). *Fora do lugar: Memórias*. Companhia das Letras.
- Said, E. W. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Tacla, P. (1942). Dom Pedro Segundo e o Presidente Getúlio Vargas na reverência dos sírios libaneses. In M. Kuraïem (Org.), *O Oriente – Edição de Natal*. Órgão Representativo da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil.
- Truzzi, O. (2001). O lugar certo na época certa: Sírios e libaneses. *Revista Estudos Históricos*, 1(27), 110–140.
- Villar, V. L. G. (2012). *Os árabes e nós: A presença árabe na literatura brasileira* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba.
- Weber, A. F. (2020a). Nacionalidade na imprensa e no rádio: Uma política de línguas na Era Vargas. *Linguagem em (Dis)curso*, 20, 491–502.
- Weber, A. F. (2020b). O combate à imprensa em língua estrangeira no Brasil: Políticas e ideias linguísticas na legislação da Era Vargas. In A. C. D. Cavaleiro, A. C. Marchesan, A. D. Stübe, C. Horst, L. M. Paula, & M. N. S. Luz (Orgs.), *Entre as fronteiras do ensino, da pesquisa e da extensão: Estudos na área de letras* (pp. 25–40).
- Wodak, R., De Cillia, R., & Reisigl, M. (1999). The discursive construction of national identities. *Discourse & Society*, 10(2), 149–173.
- Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Vozes.
- Zeghidour, S. (1982). *A poesia árabe moderna e o Brasil*. Editora Brasiliense.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/nzmyjj21>.